



Revista
de Psicologia
ISSN 2179-1740

ASPECTOS MORAIS NA DECISÃO PARA O CASAMENTO SEGUNDO MULHERES DE DUAS GERAÇÕES

*MORAL ASPECTS IN MARRIAGE DECISION ACCORDING TO TWO-GENERATION
WOMEN*

Tatiana Machado Moraes¹
Antonio Carlos Ortega²
Heloisa Moulin de Alencar³
Jussara Abilio Galvão⁴

Resumo

Objetivamos comparar, sob a perspectiva da moralidade, os discursos de mulheres casadas em períodos distintos (1993 e 2013) em relação às justificativas por elas apresentadas para a decisão de se casarem. Para tanto, foram entrevistadas 30 mulheres casadas, de 20 a 30 anos, sendo que metade delas foi entrevistada em 1993 e a outra metade em 2013. Para análise dos dados priorizamos uma abordagem qualitativa. Nos resultados identificamos que as mulheres entrevistadas no tempo mais atual ressaltam aspectos práticos para a sua escolha, tais como estabilidade financeira, e o conhecimento mútuo do casal. Já as entrevistadas do período passado apresentaram predominantemente justificativas relacionadas ao campo dos desejos, como o desejo que ela e seu parceiro tinham de estar junto, e também o desejo de outras pessoas sobre a realização do casamento. Ademais, as participantes enfatizaram as justificativas relacionadas às características, sentimentos, desejos e necessidades comuns ao casal. Consideramos que esses resultados podem fornecer subsídios teóricos para elaboração de intervenções profissionais que visem a proporcionar a construção de relacionamentos amorosos respeitosos e duradouros em oposição à atual fragilidade dos vínculos.

Palavras-chave: Moralidade; relacionamento amoroso; casamento.

Abstract

We aim to compare, from the perspective of morality, the speeches of married women in different periods (1993 and 2013) in relation to their justifications on their decision to get married. To that end, 30 married women, aged between 20 and 30, were interviewed, half of whom were interviewed in 1993 and the other half in 2013. To analyze the data, we applied a qualitative approach as proposed by Delval (2002). In the results we identified that women interviewed in 2013 highlight the practical aspects of their choice, such as financial stability, and the couple's mutual acquaintance. The interviewees from 1993 have predominantly presented more personal justifications, such as the will to be together, and also the will of other people. In addition, the participants emphasized the justifications related to the characteristics, feelings, wishes and to the couple's common needs. We believe that these results can provide theoretical inputs for the elaboration of professional interventions to support the construction of respectful and lasting love relationships in opposition to the current fragility of human bonds.

Keywords: Morality; love relationship; marriage.

1 Mestranda em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo. Endereço completo: Rua Rosa de Jesus Dias, n.46-Bairro Boa Vista. CEP: 29075-550 - Vitória, ES – Brasil. E-mail: tatianam.moraes@gmail.com

2 Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: acortega@terra.com.

3 Professora Titular do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista Pesquisadora Capixaba d Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes). E-mail: heloisa.alencar@ufes.br

4 Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista de doutorado da CNPq – Brasil. E-mail: jussaraabgalvao@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Temos por objetivo nesse estudo realizar uma comparação, sob a perspectiva da moralidade, dos discursos de mulheres casadas em períodos distintos (1993 e 2013) em relação às justificativas para sua decisão pelo casamento ou pela convivência diária com o parceiro amoroso. O questionamento mostra-se pertinente frente constantes mudanças ocorridas nas formas de estabelecer relacionamentos amorosos ao longo da história moderna. Para melhor esclarecer, a seguir apresentaremos alguns dos principais aspectos que tem influenciado o contexto dos relacionamentos na atualidade.

Na atualidade há grande apreciação do amor como base para o casamento, e esta noção é reflexo de uma construção moderna, pois apenas ganhou força a partir da época da revolução industrial (Araújo, 2002; Ferry, 2013), inicialmente no meio operário, e posteriormente se expandindo para a burguesia (Ferry, 2013), sendo que antes disso os casamentos eram caracterizados como negociações familiares e financeiras (Del Priore, 2012; Ferry, 2013), e o amor e a paixão, quando vivenciados, o eram geralmente de forma extraconjugal (Araújo, 2002).

Na era moderna, então, tanto o amor quanto a sexualidade passaram a participar da expectativa matrimonial (Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013). Além disso, Del Priore (2012) descreveu que diversas mudanças vêm ocorrendo nas últimas décadas, de modo geral, proporcionando maior liberdade (em especial para as mulheres) em estabelecer e desfazer relacionamentos de acordo com sua capacidade de proporcionar felicidade e amor. A esse respeito, Zordan *et al.* (2009) constataram, em uma pesquisa com adultos solteiros, que a possibilidade de vivenciar o amor e a realização emocional constituiria base para o desejo de se casar.

De modo semelhante, em outra pesquisa, Wagner *et al.* (1997) obtiveram que adolescentes acreditam no amor como base do casamento. Além disso, de acordo com a pesquisa de Borges *et al.*, (2014), segundo os adultos entrevistados, a continuidade do matrimônio na ausência do amor pode ser considerada até mesmo uma hipocrisia.

Ademais, outra mudança recente descrita por Del Priore (2012) é a crescente liberdade em vivenciar a sexualidade, em especial entre as mulheres, que algumas décadas atrás viviam um grande tabu em torno desse tema, sendo que culturalmente o prazer feminino era condenado, em especial antes do casamento. Na era moderna, então, tanto o amor quanto a sexualidade passaram a participar da expectativa matrimonial

(Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013), e na atualidade vem sendo estabelecida crescente liberdade sexual que permite às mulheres, e principalmente aos homens, que experienciem sua sexualidade sem que o casamento constitua pré-requisito para tal (Del Priore, 2012; Falcke & Zordan, 2010). De modo coerente, pesquisas descrevem que o desejo de vivenciar um relacionamento sexual não constitui hoje motivação para a decisão de um casamento (Falcke & Zordan, 2010; Zordan *et al.*, 2009).

Já em relação ao amor atrelado ao casamento, Comte-Sponville (2007) descreveu que o amor pode assumir diferentes formas, sendo que o amor *eros* seria comum de ser encontrado no início de uma relação amorosa, que é o amor apaixonado e intenso, ou em outras palavras, paixão. O referido autor ainda descreve que a convivência da relação pode levar ao desenvolvimento de um amor *philia*, em que é sentida felicidade com a presença do objeto de amor, ao qual se busca proporcionar o bem sem nada esperar em troca. O amor e a paixão, descritos pela literatura (Araújo, 2002; Bauman, 2004; Comte-Sponville, 2007; Del Priore, 2012), foram associados à noção de casamento no século passado, e ainda encontram força no discurso de jovens e adultos na atualidade (Borges *et al.*, 2014; Coutinho & Menandro, 2010; Wagner *et al.*, 1997; Zordan *et al.*, 2009).

Por outro lado, o estudo desenvolvido por Borges *et al.* (2014), revelou que, entre os adultos entrevistados, o casamento tem assumido caráter individual na atualidade. Ou seja, é esperado que o matrimônio seja capaz de favorecer a liberdade individual de cada envolvido. A pesquisa mostrou ainda que constituir uma família e ter filhos também podem se constituir como planos individuais, nos quais um companheiro é desejável, mas não é indispensável. Contudo, esta visão parece não ser unânime.

Outras pesquisas constataram que, para adolescentes (Wagner *et al.*, 1997) e adultos (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont *et al.*, 2006), a opção pelo casamento se fundamenta na expectativa de constituir um lar e uma família, onde filhos poderiam ser gerados, a intimidade e o tempo de convivência do casal pudessem aumentar (Fonseca & Duarte, 2014), e no qual o comprometimento e envolvimento na relação amorosa seriam influentes sobre o casamento e a constituição da nova família (Milfont *et al.*, 2006). Assim sendo, a opção pelo casamento poderia também ser construído ao lado de outrem, ou em outras palavras, de modo coletivo.

Acrescentaremos a essa análise, outro aspecto que o casamento tem assumido na atualidade: nos últimos anos diferentes pesquisas com adultos têm

identificado que, apesar de valorizado, ele tem sido adiado ou considerado com importância menor quando comparado a projetos de desenvolvimento acadêmico, profissional e econômico (Chaves, 2010; Falcke & Zordan, 2010; Secco & Lucas, 2015; Zordan *et al.*, 2009).

Ainda a respeito do casamento, Coutinho e Menandro (2010), em uma pesquisa com mulheres de duas gerações diferentes, casadas em 1960 e em 1990, constataram que, para a primeira geração, o casamento era único projeto de vida valorizado, enquanto que para a segunda geração, ele passou a ser coordenado com outros projetos, como estudar e ter uma carreira. Este estudo se aproxima do relato de Del Priore (2012), pois, segundo a autora, as mudanças ocorridas nas últimas décadas têm levado a uma liberdade crescente para a mulher se desenvolver acadêmica e profissionalmente, uma vez que se reduziu a expectativa de que ocupasse exclusivamente a função de esposa, mãe e dona de casa.

Ademais, em décadas passadas, a pressão social constituía eixo central para a decisão pelo casamento, (Alencar, 1993), o que parece ter se reduzido com o passar das últimas décadas (Coutinho & Menandro, 2010; Del Priore, 2012). Contudo, a expectativa familiar ainda se mostra influente sobre a decisão para o casamento (Silva *et al.*, 2010; Zordan *et al.* 2009).

De forma geral, constatamos que o cenário parece estar apontando para uma tendência da busca da liberdade pessoal e satisfação individual, no qual o matrimônio tem função de auxiliar a vivenciar a felicidade e o amor (Bauman, 2004; Del Priore, 2012), e, de acordo com Bauman (2004), há na atualidade uma tendência para o estabelecimento de relacionamentos frágeis, em que o outro pode não ocupar lugar de um igual, mas de instrumento para a satisfação pessoal (Bauman, 2004; Del Priore, 2012)..

Por outro lado, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) consideram que é possível que o atual contexto de instabilidade dos relacionamentos possa impulsionar as pessoas a buscarem o oposto, ou seja, por relações mais estáveis e seguras. Ademais, percebemos que o casamento pode se constituir projeto individualizado (Borges *et al.*, 2014), ou que envolva o outro como parceiro igual (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont, *et al.*, 2006; Wagner *et al.*, 1997).

Frente aos estudos, consideramos pertinente indagar como o outro pode ser inserido no projeto de se casar, uma vez que, se constituído de forma individual, torna-se pouco provável que seja construída uma relação de reciprocidade, o que pode não favorecer a prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Por

outro lado, incluir o outro como seu igual, pode ser coerente com a moral e a ética descritas por La Taille (2006). Nesse sentido, é importante mencionarmos os referenciais teóricos da moralidade que guiam o objetivo deste estudo, e as formas como podem dialogar com os diferentes tipos de relações.

Segundo La Taille (2006), podemos considerar a moral pertinente ao campo que responde à pergunta 'como devo agir', ou seja, corresponde ao âmbito dos deveres, às formas de agir perante o outro, estando intimamente ligado aos modos de relacionamento com outrem. Já o plano ético responde à questão 'que vida quero viver', definindo assim uma dimensão de uma vida que valha a pena ser vivida, incidindo sobre uma idealização de uma vida boa para si e que inclua outrem como ser de valor (La Taille, 2006).

Podemos adicionar que, do ponto de vista da moralidade, a capacidade de estabelecer relações recíprocas é de fundamental importância. De acordo com Piaget (1932/1994), o desenvolvimento moral se inicia por uma tendência de *heteronomia*, na qual as regras são confundidas com aquele que as determina, compondo assim relações de o respeito unilateral, dirigido à figura de autoridade. Esse tipo de relações não favorece o exercício da autonomia intelectual ou moral. Por outro lado, uma vez que o sujeito começa a internalizar as leis é possível que passe a avaliar as normas de forma mais refinada, desenvolvendo sua capacidade de julgar por si mesmo aquilo que moralmente é bom ou ruim. Para tanto, é necessário um relacionamento de respeito recíproco e mútuo, em que todos os envolvidos possam expressar tal autonomia moral (Piaget, 1932/1994).

É válido ainda destacar os escritos de Gilligan (1982), outra autora que realizou uma diferente análise da moralidade. Em sua obra, ela realiza uma distinção entre uma *ética da justiça*, e uma *ética do cuidado*. De acordo com a referida autora, a *ética da justiça* é caracterizada por uma valorização dos direitos e da justiça que podem ser alcançados por meio do exercício da racionalidade lógica. Desse modo, pode haver uma preocupação em viabilizar ao outro aquilo que é seu por direito, e em promover a justiça. Por sua vez, a *ética do cuidado* caracteriza-se pela sensibilidade que preza pela singularidade e necessidades do outro, promovendo desse modo atenção e cuidado para si a para outrem (Gilligan, 1982).

Tendo apresentado diversos aspectos dos relacionamentos amorosos e dos estudos acerca da moralidade, ressaltamos que os seguintes aspectos múltiplos levam ao interesse pela presente pesquisa: a relevância da moralidade para o estabelecimento de relações respeitadas e autônomas (La Taille, 2006;

Piaget, 1932/1994), a tendência atual para a busca da satisfação pessoal (Bauman, 2004; Del Priore, 2012), e a possibilidade de estabelecer o casamento de modo individualizado (Borges *et al.*, 2014) ou coletivo (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont *et al.*, 2006; Wagner *et al.*, 1997). Assim sendo, consideramos pertinente a investigação das justificativas de jovens mulheres casadas para se estabelecer um casamento.

MÉTODOS

Participantes

Participaram desta pesquisa 30 mulheres casadas, de 20 a 30 anos, sem filhos, e pertencentes à classe média, sendo que metade delas foi entrevistada em 1993 no Rio de Janeiro por Alencar (1993), e a outra parte em 2013 na Grande Vitória. É válido ressaltar que foram consideradas mulheres casadas aquelas que assim se declaravam, não sendo exigido delas nenhum tipo de oficialização da união. Desse modo, questionamos às mulheres a respeito do momento que passaram a considerar-se casadas, seja por meio de uma cerimônia oficial, ou do momento em que iniciaram a coabitação.

Instrumento e Procedimentos de Coleta

Foram realizadas entrevistas semi estruturadas individuais baseadas em um roteiro de perguntas básicas. As perguntas abordaram dados de caracterização das participantes, como formação acadêmica, atividade profissional, tempo de relacionamento anterior ao matrimônio (ou início da coabitação), e uma questão acerca das justificativas para sua decisão de se casar ou de passar a conviver com o parceiro amoroso atual.

As mulheres entrevistadas em 2013 assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e para a pesquisa foram seguidos os procedimentos éticos previstos pela Resolução nº 466/2012 (2012) do Conselho Nacional de Saúde. Foi obtido parecer favorável do Conselho de Ética. Às entrevistadas de 1993, respeitando a legislação em vigor na época, foi requerido consentimento verbal das participantes na ocasião da entrevista.

Tratamento e Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas, analisadas e em seguida foram estabelecidas categorias de tipos de respostas, de acordo com o método proposto por Delval (2002), de leitura e releitura sistemática de todos os

protocolos até que se tornem claras tendências de tipos de justificativas. Por fim, realizamos uma contagem das frequências das respostas e comparamos as semelhanças e diferenças nas frequências dos dois grupos de participantes, de 1993 e de 2013. Discutimos apenas as diferenças mais evidentes, quando o percentual de respostas apresentou discrepância maior que sete por cento entre os dois grupos entrevistados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi questionado às mulheres quais motivos que as levaram a decidir por casarem-se (ou passarem a coabitar) com seus respectivos parceiros. As entrevistadas puderam formular quantas justificativas achassem pertinentes à questão. Desse modo, salientamos que o 'n' de cada categoria representa a quantidade de repostas emitidas, e não o número de participantes que o fizeram. A distribuição de todas as categorias estabelecidas encontra-se ilustrada na **Tabela 1**.

Ressaltamos que, no decorrer do texto apenas descreveremos e discutiremos os resultados mais expressivos, ou que apresentaram maior relevância dentro dos objetivos do presente estudo. Os dados de caracterização das participantes serão apresentados ao leitor no decorrer da discussão quando apresentarem implicação no que concerne a questão da decisão para o casamento.

O tipo de justificativa mais relatado pelas participantes foi ter alcançado a *estabilidade financeira*, ou seja, as entrevistadas salientaram que decidiram pela convivência diária naquele momento porque o seu parceiro, ou, na maior parte dos casos, ambos já haviam estabelecido uma boa remuneração, estabilidade no emprego, adquirido imóvel próprio, sendo, então, um bom momento para optar por um casamento. Pesquisas anteriores também apontam que, na atualidade, o casamento tem sido considerado importante, mas adiado em favor de conquistas acadêmicas, profissionais e financeiras, sendo dessa forma considerado entre adolescentes (Wagner *et al.*, 1997), e adultos (Chaves, 2010; Falcke & Zordan, 2010; Secco & Lucas, 2015; Zordan *et al.*, 2009).

A esse respeito, constatamos em nossa pesquisa que as mulheres da geração atual parecem valorizar mais a estabilidade financeira como critério para a decisão de se casar se comparadas às mulheres entrevistadas há duas décadas, visto que esse tipo de argumento foi mais predominante em 2013. Salientamos que as mulheres entrevistadas nos dois períodos de tempo possuíam características de desenvolvimento acadêmico e profissional muito semelhantes, uma vez

que a maior parte delas possuía formação acadêmica de nível superior concluída ou em curso (todas as 15 entrevistadas de 1993, e 14 daquelas de 2013), e exerciam atividade profissional (12 de 1993, e 13 de 2013). Contudo, embora os dois grupos possuíssem, aparentemente, o mesmo nível de desenvolvimento acadêmico e profissional, há claramente um diferente nível de valorização deste aspecto.

Podemos considerar então que a diferença na valorização do aspecto financeiro expresso pelas entrevistadas parece estar relacionada a mudanças ocorridas no contexto cultural nas últimas décadas. Em uma pesquisa com duas gerações de mulheres casadas, Coutinho e Menandro (2010) constataram que no final do século XX, o casamento deixou a posição de principal projeto de vida para mulheres, para ser coordenado com outros projetos, como estudar e ter uma carreira. Ademais, percebemos que os estudos com adultos que têm mostrado o casamento como projeto adiado em nome da estabilidade financeira são recentes (Chaves, 2010; Falcke & Zordan, 2010; Secco & Lucas, 2015; Zordan *et al.*, 2009), ou em outras palavras, foram realizados em anos mais próximos de 2013, e não pudemos encontrar dados semelhantes entre adultos no início da década de 1990.

Outra justificativa para a decisão para a convivência diária, mencionada pelas mulheres que participaram do nosso estudo, versa sobre os *sentimentos* que elas e seus companheiros sentiam mutuamente, sendo que foram mencionados como sentimentos amor, paixão, saudade e sentimentos inespecíficos. Estudos anteriores também constataram que o amor tem sido considerado como base para a decisão do casamento para os adolescentes (Wagner *et al.*, 1997) e entre os adultos solteiros (Borges *et al.*, 2014; Zordan *et al.*, 2009). O amor como base para o casamento também pode estar relacionado a fragilidade dos vínculos, uma vez que a relação tende a manter-se apenas enquanto o amor puder ser sentido dentro do relacionamento (Bauman, 2004; Del Priore, 2012; Zordan *et al.*, 2009; Wagner *et al.*, 1997). A esse respeito, Borges *et al.* (2014) constataram, entre adultos, que a continuidade do casamento pode até mesmo ser considerado uma hipocrisia caso não seja baseado no amor e na paixão.

Salientamos ainda que a valorização do amor como premissa ao casamento, expressa pelas participantes, é uma noção moderna (Araújo, 2002; Del Priore, 2012; Ferry, 2013). Além disso, o amor referido pelas participantes pode ser compreendido como o amor *eros*, que é descrito por Comte-Sponville (2007) como o amor do início de um relacionamento, sendo uma forma de amor intensa e apaixonada.

Outra explicação foi o *desejo de estar junto*. Ou seja, enfatizaram o desejo de aprofundar o relacionamento, dividindo o espaço e a convivência diária. As falas assemelham-se àquilo que foi constatado por Fonseca e Duarte (2014) ao entrevistar casais, uma vez que a opção pelo casamento também se fundamentou na expectativa de aumentar a intimidade, e a convivência. Convém destacar que tal argumento foi considerado de modo mais predominante pelas entrevistadas do passado, sendo que apenas uma o fez em 2013. Contudo, não podemos encontrar, por meio da literatura, dados que possam explicar a manifestação desse tipo de argumento nas diferentes gerações de mulheres.

No entanto, verificamos que o tempo de relacionamento anterior a decisão para a convivência diária é diferente nos dois grupos entrevistados, sendo que boa parte das participantes de 1993 tiveram tempo de relacionamento anterior ao casamento inferior a três anos ($n=7$), enquanto as de 2013 tiveram tempo principalmente superior a três anos ($n=11$). Levantamos o questionamento se o menor tempo de relacionamento pode estar relacionado a maior intensidade do desejo de aprofundar o relacionamento e aumentar a convivência por meio do matrimônio.

Ademais, consideramos que na atualidade as mulheres tem acesso a diversas formas de 'estar junto' com seus parceiros que não eram possíveis algumas há décadas. Por exemplo, hoje é culturalmente mais aceito que namorados durmam juntos, fiquem na casa um do outro, ou viagem juntos, coisa que era culturalmente criticada na década de 1990. Além disso, hoje o grande acesso a diversos meios de tecnologia permitem o contato constante com as pessoas mesmo que estejam fisicamente distantes. É possível portanto que o contexto cultural e tecnológico atual esteja influenciando tal tipo de percepção.

O *desejo de constituir família* também foi apontado como motivo para a decisão pelo casamento. Nessa categoria, agrupamos argumentos referentes ao desejo constituir uma família ($n=5$, sendo $n=1$ entre as mulheres de 1993, e $n=4$ entre as de 2013), e ainda ao desejo específico de constituir uma família com filhos ($n=4$, sendo $n=3$ para 1993, e $n=1$ para 2013). De acordo com pesquisas anteriores, para adolescentes o casamento pode ser definido como a intenção de formar uma família (Wagner *et al.*, 1997), enquanto que, entre adultos, a decisão para o casamento é baseada na expectativa de constituir família e um lar onde filhos possam ser gerados e cuidados (Fonseca & Duarte, 2014; Milfont *et al.*, 2006). Ademais, Milfont *et al.* (2006) afirmaram que o comprometimento e o envolvimento frente a relações afetivas são diretamente relacionados ao desejo de constituir família. Desse modo, podemos

compreender que a decisão para o casamento relacionado ao desejo de constituir família pode ser um indicativo de envolvimento e comprometimento com o parceiro amoroso.

Salientamos ainda que o desejo de constituir família e ter filhos foi expresso pelas mulheres, principalmente, como um desejo comum do casal, uma vez que oito das nove justificativas totais referiam-se a um desejo mútuo, e apenas uma referia-se ao desejo exclusivamente dela de constituir uma família com filhos, o que parece indicar que a constituição familiar pode estar sendo planejada pelo casal. O resultado é contrário ao encontrado por Borges *et al.*, (2014), pois os adultos de seu estudo descreveram constituição familiar como um plano individual.

Ainda se mostrou influente o *desejo de outras pessoas*, ou seja, o desejo do namorado ou de familiares, sendo que este foi mais predominante entre as entrevistadas de 1993. As justificativas das entrevistadas revelaram dois diferentes aspectos relacionados ao *desejo de outras pessoas* para a decisão do casamento. Por um lado, cinco de oito (sendo três das entrevistadas de 1993, e dois de 2013) manifestaram o desejo de outras pessoas como uma pressão social de se casar, e então o casamento veio para cumprir com tal exigência exterior. Coutinho e Menandro (2010), bem como Alencar (1993) identificaram no discurso feminino a pressão social para o cumprimento de papéis sociais esperados para as mulheres de décadas passadas como influente para a decisão do casamento.

Os dados também vão ao encontro daqueles descritos por Zordan *et al.* (2009) e Silva *et al.* (2010), pois constataram que a expectativa familiar, se mantém relevante sobre as motivações para casar-se. Constatamos, portanto, que, embora a expectativa social sobre o cumprimento do casamento como parte da vida feminina venha se flexibilizando e perdendo força na atualidade (Del Priore, 2012), ainda se faz presente no discurso feminino, principalmente entre nossas entrevistadas de 1993, mas também nas de 2013.

Por outro lado, três argumentos (dois de mulheres de 1993 e um de 2013) apontaram para uma atenção da mulher sobre o desejo do outro, e um cuidado em gerar alegria ao satisfazer tal vontade. Essa noção nos remete a *ética do cuidado* descrito por Gilligan (1982), uma vez que essas entrevistadas, aparentemente, buscavam proporcionar cuidado para com o outro ao decidir por seu próprio casamento.

Em alguns casos, as entrevistadas expressaram que o *conhecimento mútuo* do casal, ou seja, o fato de ambos já conhecerem bem um ao outro, devido a

convivência proporcionada no tempo de namoro, levaram a ambos sentirem-se prontos para a decisão. Esse tipo de argumento teve predomínio entre entrevistadas de 2013, sendo que, apenas uma participante do passado o fez. Ressaltamos, novamente, que se comparado o tempo de relacionamento anterior a decisão para o casamento, as entrevistadas em 2013 se relacionaram com o parceiro na maior parte das vezes por um tempo maior que as mulheres de 1993. Desse modo, poderíamos considerar que seria coerente que as participantes que desenvolveram o relacionamento por um período mais longo, apresentassem argumentos voltados ao conhecimento mútuo com maior frequência se comparadas àquelas com menor tempo de relacionamento.

Outras justificativas giraram em torno da ideia de que a *idade ou maturidade* dela, dele, ou de ambos já teria alcançado certo nível que promoveria a possibilidade de buscar por uma relação estável como o matrimônio. Também houve explicações que apontaram para o *pragmatismo ou conveniência* da decisão, ou seja, aspectos práticos que a convivência diária poderia proporcionar a ambos.

Algumas das entrevistadas alegaram que optaram por se casar (ou coabitar) devido a *sexualidade* do casal, ou seja, pelo desejo de ter relações sexuais que não poderiam ser praticadas no namoro devido às crenças religiosas dessas mulheres ou de suas famílias. Por meio da literatura, podemos avaliar que a sexualidade é um tema relevante no que diz respeito ao relacionamento amoroso (Araújo, 2002). É válido salientar que adultos solteiros têm discordado que o casamento possa ser motivado pelo desejo de vivenciar um relacionamento (Zordan *et al.*, 2009) devido a atual liberdade sexual. É possível, portanto, que tal liberdade da contemporaneidade seja responsável pela baixa frequência desse tipo de argumento. Salientamos que as únicas entrevistadas que assim o responderam, foram participantes que deram ênfase ao aspecto religioso que limita a liberdade da expressão sexual do casal antes do casamento, sendo, portanto, coerente que essa justificativa se faça presente nessa parcela específica das participantes.

Com baixa frequência, ainda foram mencionadas a *privacidade do casal*, como a expectativa de ambos em ter um tempo e um espaço exclusivo deles em que pudessem vivenciar privacidade e liberdade. Além disso, as *características de parceiro ideal*, ou seja, sem detalhar quais características seriam essas, as mulheres ressaltaram que seus companheiros possuíam características que elas valorizavam para um parceiro ideal. Algumas entrevistadas assinalaram ainda aspectos de sua própria *religiosidade* como fator

importante para sua decisão.

Por fim, desejamos estabelecer um apontamento acerca dos resultados deste artigo como um todo. Analisamos aqui as justificativas de mulheres casadas para casar-se (ou passar a coabitar), e obtivemos argumentos de diferentes tipos, alguns de aspectos mais práticos e objetivos, como questões financeiras, grau de conhecimento entre o casal, destacado predominantemente pelas mulheres de 2013, e outros aspectos menos objetivos, da ordem dos desejos, que abordaram o desejo de estar junto e também o desejo de outras pessoas, mais mencionado pelas de 1993. Contudo identificamos como um traço comum a consideração de aspectos que fazem menção ao casal. Ou seja, ao serem questionadas sobre como decidiram se casar, respondem muitas vezes mencionando características, sentimentos, desejos e necessidade que elas consideram ser comum a ambos, falando, então, de uma visão de casal.

Desse modo, percebemos que as mulheres estabeleceram os motivos para a decisão pelo matrimônio baseadas na maior parte das vezes em características que, segundo sua visão, eram comuns aos dois envolvidos, como a estabilidade financeira de ambos (n=12), os sentimentos mútuos (n=9), o desejo comum de estar juntos (n=7), e de constituir família (n=8), o conhecimento que ambos tinham um do outro (n=7), a idade ou maturidade dos dois (n=1), a conveniência que geraria a ambos (n=3), a sexualidade do casal (n=2), e a privacidade necessária aos dois (n=2).

Ou seja, 51 justificativas (sendo 32 das participantes entrevistadas em 2013) de todos os 85 argumentos mencionados, remetem a aspectos conjuntos, e, portanto, percebemos que estes têm predominância no discurso feminino, principalmente entre as mulheres do momento atual. Consideramos então, que a decisão para um casamento, e, portanto, um projeto a ser construído ao lado de outra pessoa, está sendo pautado por essas mulheres principalmente na consideração de aspectos comuns, indicando uma preocupação com outrem, em suas características, sentimentos e desejos.

Dessa forma, existe a possibilidade de que tal visão esteja relacionada a uma tentativa de proporcionar uma vida boa que valha a pena ser vivida para si e para o outro, que poderia ser coerente com uma vida ética (La Taille, 2006), uma ética do cuidado (Gilligan, 1982), e ainda poderia ser vivenciada por meio de relações de reciprocidade e de respeito mútuo, que por sua vez são compatíveis com a prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994).

Em um contexto cultural de relacionamentos

fluidos, que prioriza a liberdade individual e a satisfação própria (Bauman, 2004; Borges *et al.*, 2014; Del Priore, 2012), consideramos que os resultados obtidos no presente estudo parecem indicar um contraponto a tal cultura, uma vez que se busca por consolidar um relacionamento com base em aspectos que sejam comuns ao casal. É possível que os dados da presente pesquisa estejam indo ao encontro do proposto por Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), quando afirmaram que a presente instabilidade pode impulsionar as pessoas para que busquem relacionamentos mais estáveis na atualidade. Posto isso, teceremos as considerações finais deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da presente pesquisa permitem compreender que, para as mulheres, a *estabilidade financeira* constitui fator de grande relevância para a decisão de se casar ou coabitar, principalmente entre as mulheres da geração atual, de modo que, expressam o casamento como um projeto posterior a algumas conquistas acadêmicas, profissionais e financeiras. Embora os dados identifiquem que as mulheres das duas gerações (1993 e 2013) possuam características semelhantes de desenvolvimento acadêmico e profissional, identificamos que o nível de valorização desses aspectos é maior entre as da geração atual, o que contribui para considerarmos que tal aumento se deve a alterações no contexto cultural e econômico nas últimas décadas.

É possível, portanto, que esse dado esteja apontando para o fortalecimento de uma cultura em que o projeto de se casar venha dividindo espaço com outros projetos de desenvolvimento acadêmico e econômico. Nesse sentido, diferentes pesquisas têm mostrado que nas últimas décadas o casamento tem sido considerado com menor importância, ou um projeto a ser adiado em nome do desenvolvimento profissional dos indivíduos (Chaves, 2010; Coutinho & Menandro, 2010; Falcke & Zordan, 2010; Secco & Lucas, 2015; Wagner *et al.*, 1997; Zordan *et al.*, 2009).

Para o casamento também foram mencionados os *sentimentos* do casal. Percebemos na descrição que as participantes recorreram principalmente a sentimentos que se aproximam do amor *eros* (Comte-Sponville, 2007), comum ao início do relacionamento. Essa noção ainda pode estar relacionada à fragilidade dos vínculos na contemporaneidade, pois, de acordo com a literatura, a tendência é que esse tipo de relacionamento apenas dure enquanto o amor puder ser sentido em seu seio (Bauman, 2004; Del Priore, 2012; Zordan *et al.*, 2009; Wagner *et al.*, 1997).

Ademais, obtivemos, entre as mulheres dos diferentes períodos temporais, argumentos acerca do *desejo de estar junto*, bem como do *conhecimento mútuo*, que podem estar relacionados ao tempo de relacionamento anterior ao casamento. Desse modo, o menor tempo de relacionamento poderia estar levando as mulheres do passado a vivenciarem com mais intensidade o desejo de estar junto com o parceiro, e, de modo oposto, o maior tempo de convivência proporcionado pelo relacionamento mais longo, poderia levar mulheres da atualidade a alegar que o *conhecimento mútuo* construído entre o casal seria suficiente para fundamentar sua decisão. Diante disso, sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas, com mulheres de diferentes gerações, e com casais com diferentes durações do namoro/noivado, acerca das possíveis relações entre tempo de relacionamento anterior ao casamento, e as justificativas para a decisão sobre o mesmo, tais como o desejo de estar junto e o conhecimento mútuo entre o casal.

É válido ressaltar que, entre as entrevistadas do passado, encontramos de forma mais predominante argumentos voltados para o *desejo de estar junto* e o *desejo de outras pessoas*, ou, de outra forma, podemos dizer que as mulheres de 1993 justificaram sua decisão para o casamento muitas vezes baseado em aspectos da ordem do desejo. Por outro lado, entre as entrevistadas do presente identificamos maior predominância em argumentos mais pragmáticos, voltados para a *estabilidade financeira* e o *conhecimento mútuo* entre o casal.

Além do mais, percebemos que a maior parte das justificativas para a decisão pelo matrimônio foi baseada em considerações que contemplam características, desejos, sentimentos e necessidades de outrem, seja o parceiro amoroso, ou as famílias envolvidas no novo enlace, o que parece estar se aproximando de características de uma ética do cuidado (Gilligan, 1982). Ainda pode estar relacionado a uma busca por proporcionar a si e ao outro uma vida que valha a pena ser vivida, e, portanto, ser coerente com a ética (La Taille, 2006).

Diante dos resultados obtidos, consideramos que as mulheres têm optado pelo matrimônio baseadas, principalmente, em aspectos que incluem outrem, possivelmente como parceiro igual, cujos desejos e sentimentos são considerados ao lado dos próprios. Nesse tipo de relação, podem ser estabelecidas relações de reciprocidade e de respeito mútuo, o que possibilitaria que a autonomia moral fosse exercida pelos envolvidos (Piaget, 1932/1994). Nesse sentido, é de grande importância que futuros estudos visem a investigar o modo como o outro vem sendo inseridos dentro dos relacionamentos amorosos, a fim de

compreender possíveis relações entre a formação do casal e a busca por uma vida ética (Gilligan, 1982; La Taille, 2006), e por relações de reciprocidade na presença do respeito mútuo e da autonomia moral (Piaget, 1932/1994).

Consideramos que os dados que levantamos colaboram para a compreensão de que há, nos dias de hoje, alta valorização de aspectos comuns ao casal na decisão para casamento, e que aspectos práticos e da ordem dos desejos podem influenciar na referida decisão. Além disso, o presente artigo levanta importantes questões para futuras investigações. Por fim, consideramos que o estudo acerca dos relacionamentos amorosos na atualidade pode contribuir para a elaboração de propostas de intervenção de profissionais que trabalhem com o tema em questão, e que visem proporcionar a construção de relações respeitadas e duradouras, em oposição ao atual contexto cultural, que é favorável à fragilidade dos vínculos.

Referências

- Alencar, H. M. (1993). *Depoimentos de amor: um estudo sob a ótica feminina* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Araújo, M. D. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: ciência e profissão*, 22(2), 70-77. doi: 10.1590/S1414-98932002000200009
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humano* (C. A. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja em la actualidad: Jóvenes en busca de estabilidad. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505-517. doi: 10.11600/1692715x.14134271014.
- Borges, C. D. C., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000300008
- Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em revista*, 16(1), 28-46. doi: 10.5752/P.1678-9563.2010.

- Comte-Sponville, A. (2007). *Pequeno tratado das grandes virtudes* (E. Brandão, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1995).
- Coutinho, S. M. D. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". *Psicologia clínica*, 22(2), 83-106. doi: 10.1590/S0103-56652010000200007
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. São Paulo, SP: Contexto.
- Delval, J. (2002). *Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças* (F. Murad, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Obra original publicada em 2001).
- Falcke, D., & Zordan, E. (2010). Amor, casamento e sexo: opinião de adultos jovens solteiros. *Arquivos brasileiros de Psicologia*, 62(2), 143-155. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/2290/229016553013/>
- Ferry, L. (2013). *Do amor: uma filosofia para o século XXI* (R. Janowitz, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Difel.
- Fonseca, S. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. Recuperado de <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1237>
- Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Editora Rosa dos Tempos.
- La Taille, Y. (2006). *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Milfont, T. L., Gouveia, V. V., & Costa, J. B. (2006). Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(1), 25-33. Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/188/18819105/>
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. (4a ed.) (E. Lenardon, Trad.). São Paulo, SP: Summus. (Obra original publicada em 1932).
- Resolução 466/2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. (2012). Ministério da Saúde, Brasília. Recuperado de <http://www.conselho.saude.gov.br>
- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando famílias*, 19(1), 61-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006
- Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 27(3), 383-391. Recuperado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98803>.
- Wagner, A., Falcke, D., & Duarte, E. M. B. (1997). Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1). Recuperado de <http://www.redalyc.org/html/188/18810111/>
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&lng=es.

Lista de Anexos

Tabela 1 - Justificativas apresentadas pelas mulheres para a decisão de se casar ou coabitar com o parceiro atual.

Tabela 1 - Justificativas apresentadas pelas mulheres para a decisão de se casar ou coabitar com o parceiro atual.

CATEGORIAS	1993		2013		TOTAL	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
1) Estabilidade financeira	4	10,81	14	29,17	18	21,18
2) Sentimentos	5	13,52	5	10,41	10	11,76
3) Desejo de estar junto	9	24,32	1	2,08	10	11,76
4) Desejo de constituir família	4	10,81	5	10,41	9	10,59
5) Desejo de outras pessoas	5	13,52	3	6,25	8	9,41
6) Conhecimento mútuo	1	2,70	6	12,50	7	8,24
7) Idade/ maturidade	3	8,11	2	4,17	5	5,89
8) Pragmatismo/conveniência	1	2,70	2	4,17	3	3,53
9) Sexualidade	0	0,00	2	4,17	2	2,35
10) Privacidade	1	2,70	1	2,08	2	2,35
11) Características de parceiro ideal	0	0,00	2	4,17	2	2,35
12) Religiosidade	0	0,00	2	4,17	2	2,35
13) Outros	4	10,81	3	6,25	7	8,24
TOTAL	37	100	48	100	85	100